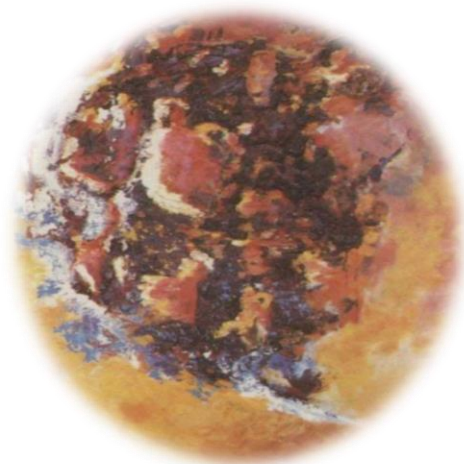


A BORRACHA QUE ESCREVE A HISTÓRIA: BREVE ANÁLISE DO JOGO IDENTITÁRIO DA CIDADE DE MANAUS-AM ENTRE OS ANOS DE 2012 A 2016 SOB A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DE NOBERT ELIAS



Mikael Moises Pires Lindoso¹
Gláucio Campos Gomes de Matos²
Emma Paula Chavez Diniz³

Resumo

O artigo tem como objetivo elaborar uma interpretação da construção da identidade nós manauara com base na teoria processual de Norbert Elias em torno de um tempo socialmente construído denominado *Belle Époque*. Para tal abordagem serão utilizados conceitos eliasianos de civilização, *habitus*, figuração e símbolos socialmente construídos. O espaço material e temporal elencados como objeto analisado é o Município de Manaus, em seu perímetro urbano, mais especificamente, o Paço Municipal e adjacências, entre anos de 2012 a 2016. A metodologia utilizada foi à indiciária, sendo que essa concepção metodológica visa cruzar, combinar e dar relevância a todos os campos do conhecimento para produzir um entendimento holístico de um determinado assunto, no presente caso, a construção da figuração identitária da cidade de Manaus entre os anos de 2012 a

1Especialização em Metodologia do Ensino da História. Aluno do PROGRAMA DO PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA – PPGSCA ofertado pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, mestrado, linha de pesquisa 3 - Processos Sociais, Ambientais e Relações de Poder. Ingresso em 2016/1. Autor.

2 Professor do PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA – PPGSCA/ UFAM. Coautor

3 Licenciada em Historia pela Universidade Federal do Amazonas. Especialização em Metodologia do Ensino da História. Coautor.

2016. Sendo essa metodologia a adequada para o estudo da *teoria eliasiana*, pois, o pensamento *eliasiano* compreende que a humanidade esta sujeita a dois processos: o biológico e o social. Dentre os métodos que foram aplicados estão a pesquisa bibliográfica, a interpretação qualitativa das fontes pesquisadas e a observação direta no espaço em análise. Posto isso, o presente artigo concebe uma compreensão teórica para a fixação por parte da figuração manauara em restringir a história do município de Manaus ao período denominado *Belle Époque*

Palavras-chave: Mulheres amazônicas, Expedições no Brasil Império, Estrutura Sociocultural.

Introdução

Liberdade, autonomia e independência são sentimentos construídos, idéias e conceitos valorizados e glorificados nas sociedades de tradição judaico-cristã. Encara-se o livre-arbítrio como uma dádiva divina, concedida aos homens, lógica comum na sociedade ocidental. Mas, será que o homem é capaz de ser tão autônomo e independente perante processos biológicos e sociais?

Ao buscar uma compreensão biológica para o processo de formação dos agrupamentos humanos, é possível compreender que os homens foram capazes e ainda o são, de edificar a vida em sociedade devido a uma alteração no seu campo cognitivo, alteração que possibilitou ao ser humano criar uma dimensão simbólica habitada somente por outros seres humanos que compartilham o mesmo visto em seus passaportes, ou seja, compartilham a mesma linguagem.

A elaboração de uma estrutura biológica cognitiva passível de compartilhamento social entre os sujeitos de um grupo possibilitou aos homens a vida em sociedade, ou seja, a vida em civilização. Essa estrutura biológica cognitiva original é a memória e a linguagem socialmente construída o meio de acesso a essa estrutura.

A estruturação de qualquer agrupamento humano depende de um conceito de identidade compartilhado, sendo essa identidade compartilhada

pelas figurações construídas pela a linguagem que se encontram armazenadas na memória. Logo, não se nasce figuração, se aprende a pertencer a uma figuração em um longo processo social de aprendizagem com a finalidade de imprimir um *habitus* no indivíduo.

A Revolução Cognitiva, a Revolução que nos tornou humano

Revoluções sempre farão parte da história humana, dentre as quais a humanidade passou, podemos elencar três mais significativas (HARARI, 2015): a Revolução Cognitiva, que propiciou ao homem a construção da sua consciência, dando início à história, revolução essa que aconteceu há cerca de setenta mil anos; a Revolução Agrícola, que desencadeou a possibilidade do ser humano ter relativo domínio sobre a produção de seus alimentos, possibilitou o surgimento das primeiras civilizações, por volta de doze mil anos; e a Revolução Científica, que elevou a capacidade de compreensão humana da sua própria natureza e da realidade, a qual está inserida, e acabou por desencadear uma desassociação do homem frente à natureza, um lento divórcio que perdura há cinco séculos.

Dentre as três revoluções citadas, vamos nos ater a uma: a Revolução Cognitiva. Esta permitiu aos agrupamentos humanos ultrapassarem o limite biológico imposto aos primatas, no tocante da quantidade de membros em um determinado agrupamento, ou seja, essa revolução possibilitou a vida em sociedade, que é um problema. *Em condições normais, um típico bando de chimpanzés consiste de 20 a 50 indivíduos. À medida que o número em um bando de chimpanzés aumenta, a ordem social se desestabiliza, levando enfim à ruptura e à formação de um novo bando por alguns dos animais.* (HARARI, 2015, p. 26).

Os bandos de chimpanzés, por natureza, tendem a se desestabilizar ao atingirem o limite biológico supracitado devido aos conflitos de interesse que surgem no seio do bando, disputas pela liderança, escassez de alimentos e controle das fêmeas aptas à reprodução são exemplos das querelas que



surgem no âmbito do bando. Os conflitos que surgem no bando podem ser controlados pelo uso da força e ou pela formação de relações de dependência entre o macho alfa e os demais machos em decorrência do controle ao acesso as fêmeas do grupo, ambos os controles têm suas limitações devido o fato de não atender aos interesses de todos os membros do bando. Padrões similares provavelmente dominaram a vida social dos primeiros humanos, incluindo o *Homo Sapiens* arcaico (HARARI, 2015, p. 26).

A transformação no cognitivo, pela qual o *Homo Sapiens* passou, possibilitou que os grupos humanos compartilhassem, por meio da economia psíquica, a existência em bandos que ultrapassariam a casa das centenas. Mas, o que mais permitiu essa coexistência compartilhada entre um quantitativo maior de indivíduos? Como se deu? A coexistência em sociedade se deve a capacidade humana de criar realidades imaginadas, ou seja, mundos ficcionais, de compartilhamento de ideias abstratas, da criação do sentimento de pertencimento a algo superior aos limites do eu. *Toda cooperação humana em grande escala – seja um Estado moderno, uma igreja medieval, uma cidade antiga ou uma tribo arcaica – se baseia em mitos compartilhados que só existem na imaginação coletiva das pessoas.* (HARARI, 2015, p. 28).

Quando, sem que se tenha uma data definida de seu início, os *Homo Sapiens* começaram a criar e compartilhar ideias como forma de consciência e dar significado ao mundo concreto, nasce a noção de memória coletiva, de identidade, de senso de pertencimento e de comunidades imaginadas desse processo civilizador. No entanto, como podemos compreender tais noções mediante o paradigma científico?

Breves ponderações sobre a Teoria Elíasiana

Norbert Elias (Breslau, 22 de junho de 1897 — Amsterdã, 1 de agosto de 1990), foi um pensador social de origem alemã e de cultura judaica que testemunhou as Grandes Guerras Mundiais, presenciou a ascensão e

declínio do nazismo. Na ascendência do nazismo precisou buscar asilo entre outros povos, o que lhe permitiu deixar um legado para a história da sociedade ocidental.

Os indivíduos vivem em redes de interdependência funcional, é isso que Norbert Elias vai designar de figuração. Para Elias, figuração são interações sociais que o indivíduo estabelece com o outro em diversos espaços e momentos, escola, família, igreja, sendo que cada agrupamento social constrói espaços destinados ao estabelecimento de figurações e suas respectivas regras de uso, desse modo, o indivíduo e grupo mutuamente se influenciam, o ser constrói o social e o social reconstrói o ser, que por sua vez constrói o social..., num loop social contínuo.

Por interdependência, entende-se que não é possível conceber um espaço social sem vislumbrar a rede invisível que o conecta os indivíduos na figuração. Então para compreender um espaço social como a escola, é necessário tingir a rede de interdependência estabelecida entre os indivíduos para poder vislumbrar a sua dinâmica processual no decorrer do tempo histórico.

Memória compartilhada, a figuração original.

Na perspectiva eliasiana, o conceito de figuração ajuda a compreender como o conjunto de instrumentos e ferramentas a exemplo o idioma, padrões de civilidade e racionalidade, costumes, o senso de identidade e pertencimento estabelecidos e compartilhados entre os seres podem garantir a sua sobrevivência e a da sociedade.

Figuração específica acaba por edificar um *habitus* ao indivíduo, como uma espécie de visto para que o mesmo adentre o mundo social, ou seja, para que o mesmo possa inserir-se em figurações sociais de vários tipos e níveis, adentrar-se na rede interdependência, ou seja, possa participar da vida em sociedade sem maiores constrangimentos. Isso implica dizer,



segundo Elias (1995a, p. 142): “Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição previa para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários”.

O conceito *habitus*, é para Elias a segunda natureza, deve ser compreendido como o arcabouço oriundo de um processo social de longa duração. O *habitus* faz destaca no indivíduo uma maneira particular de agir e pensar, ou seja, traz uma compreensão de eu, nós e eles que possui significado na figuração que originou o *habitus*.

De outro modo, cada sociedade produz um *habitus* social que produz um *habitus* individual mediante o compartilhamento da memória. As figurações estabelecidas entre os indivíduos podem ser de ódio ou amor ou refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si em vários níveis e de diversas formas.

De outro modo, a estrutura consiste em um arcabouço de normas, regras, costumes e tradições construídos culturalmente em uma sociedade e que são transmitidos para o individuo que incide na formação de seu *habitus* que se adentra nas relações de figurações sociais com base não só nos parâmetros de civilidade vigente no seio da organização que constitui um *habitus* no individuo. Ou seja, há todo um arcabouço cognitivo e cultural compartilhado entre os indivíduos para que as redes de interdependência possam ser elaboradas.

A imagem de configurações móveis de pessoas interdependentes na pista de dança talvez torne mais fácil imaginar Estados, cidades, famílias, e também sistemas capitalistas, comunistas e feudais como configurações. Usando este conceito, podemos eliminar antíteses, chegando finalmente a valores e ideais diferentes, implicados hoje no uso das palavras ‘indivíduo’ e ‘sociedade’. (ELIAS, 1995a, p. 157).

O conceito *eliasiano* de figuração pode ajudar a compreender a memória compartilhada entre indivíduos, isto é, a memória coletiva, a memória simbolicamente construída. Visto que, sem ela [*a memória*], “não seríamos capazes de falar, ler, identificar objetos, orientar-nos no ambiente ou manter relacionamentos pessoais” (FOSTER, 2011,07). A memória é o pressuposto biológico originário que vai permitir que o mundo socialmente construído pelos indivíduos possa ser compartilhado.

Quando ausente à capacidade de processar a memória biológica, o ser compromete a sua segunda natureza, ou seja, a sua natureza social. Então, perder a capacidade de processar informações armazenadas na memória biológica torna o ser incapaz de interagir mediante a *ratio* humana em uma figuração. No entanto, o ser não deixará de pertencer a figuração, continuará inserido em decorrência das lembranças que os que interagem com o mesmo possuem dele próprio e não em um esquema de interdependência da memória individual e da memória coletiva. A memória compartilhada (fruto da interação e interdependência do biológico com o social) desencadeia as figurações entre os indivíduos.

A memória coletiva, por analogia, é o conjunto de ferramentas necessárias para que o ser construa as pontes de interdependência e figurações sociais entre indivíduo-sociedade, sociedade-indivíduo e indivíduo-indivíduo essenciais para sua existência biológica e social, portanto, a memória traduz o processo histórico de uma sociedade, a configuração que originará o meio social. Porém, é importante citar que esse conjunto básico de ferramentas (língua, costumes, práticas sociais), é pensado por indivíduos enquanto se estabelecem, logo, são criações humanas passíveis de alteração no decorrer do processo histórico, que pode ~~nao~~ mudar o *habitus*.

Figuração social da identidade



De acordo com a teoria eliasiana, o homem é parte integrante das figurações e das relações de interdependência que estrutura o seu eu, portanto a sua identidade. No decorrer do seu crescimento e desenvolvimento contribui para o indivíduo formar o *habitus* pertinente ao grupo social o qual está inserido.

No jogo identitário, a memória é essencial. Sem uma memória capaz de gerar uma identidade para um determinado agrupamento humano, não há indivíduo e sociedade. Assim, há duas identidades, uma antiga e uma moderna. Porém há de entender que por questões de poder, o indivíduo pode negar sua identidade como pode fortalecê-lo.

O jogo identitário antigo é a identidade genealógica que se estabelece entre os membros de uma figuração social familiar e gera uma relação de interdependência entre o indivíduo e uma cadeia de gerações sucessivas das quais se sente herdeiro é a ideia de sermos os continuadores de nossos predecessores. Essa consciência do peso das gerações anteriores é manifesta em expressões de forte carga identitárias, como “as gerações anteriores trabalharam por nós” ou “nossos antepassados lutaram por nós” etc. (CANDAU, 2016, 142).

A faceta moderna do jogo identitário, é onde os limites do espaço familiar são superados mediante a elaboração de outros espaços mais abrangentes e novas figurações de sentimentos e pertencimento, como, no caso, o espaço nacional e o senso de comunidade supra familiar. Nessa faceta do jogo, o conceito de identidade é construído mediante um discurso pautado pelo o esquecimento, pela homogeneidade e pela diferenciação em relação a outros grupos.

Sendo assim, o jogo identitário moderno de um grupo de indivíduos é o mito fundador da sua comunidade que estabelece a figuração que sustenta as relações de interdependência do grupo. Caso ocorra a permuta dessa figuração, outra comunidade imaginada se estabelecerá. Por comunidade imaginada, entende-se o jogo de figuração social norteador pelo *habitus*, que elabora uma teia de interdependência fundadora de uma identidade social que se estrutura no

compartilhamento de uma memória elencada como coletiva que é imaginada, limitada e é soberana perante o indivíduo. (ANDERSON, 2011. p.32).

Compartilhando o eu e o nós

Quando partilhada, a memória coletiva torna-se parte da memória dos indivíduos, e em cada nova geração de indivíduos, a memória coletiva busca introjetar na psique individual preceitos coletivos de tal forma que adquirem um status de naturais. Por exemplo, o respeito que os indivíduos possuem em relação aos seus genitores ou o de pertencer a uma sociedade. Isto é, o *habitus* no indivíduo. Doutrinas, contos, relatos, mitos inscritos em uma trama narrativa, são as pedras angulares de memórias fortemente elaboradas as quais contribuem, no interior do indivíduo, do grupo ou de uma sociedade, para orientar a ilusão de seu compartilhamento absoluto e unânime (CANDAU, 2016).

Nos ambientes destinados a reprodução e a continuidade do senso identitário comunal, o poder da fala, alicerçada a ideologias, torna-se relevante. Ou seja, o discurso ideológico é o instrumento fundamental no processo de reprodução social da memória. Visto isso, a oralidade permite aos homens serem inseridos em suas comunidades.

Mediante a escuta dessa oralidade, a criança em seus primeiros anos de existência, passa a ter ciência da realidade social a qual esta inserida, ou seja, de memória coletiva que se encontra enquadrada.

Em regra, as crianças aprendem a regular o seu comportamento no discurso e, aliás, o seu comportamento em geral de acordo com o código comum de produção e recepção de padrões sonoros articulados como mensagens de e para outras pessoas que prevalece na sua sociedade. (ELIAS, 1994-b. p 54).

Um recém-nascido conhece o mundo mediante a transmissão da memória de sua mãe em seus momentos iniciais. Um cidadão *outsider*, ao ouvir e introjetar o pronunciamento de uma autoridade municipal estabelecida, tende a acreditar que



possui uma identidade coletiva. Nos três casos relatados, é visível perceber que o *habitus* se constrói no indivíduo através do discurso que impõe práticas, ações, experiências catárticas em prol de uma comunidade imaginada.

Sendo assim, o discurso “é algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se sobrepor, como em uma simples superfície de inscrição, objetos que teria sido instaurado anteriormente” (FOUCAULT, 2010, p.48), ele é um instrumento de contenção do indivíduo em prol do processo civilizador estabelecido como parâmetro por uma determinada sociedade, um guarda na fronteira entre o biológico e o social que controla com rigor as pulsões oriundas do processo de internalização, de racionalização e de sublimação do indivíduo ao coletivo, ou seja, do *Homo sapiens* ao ser humano.

Figuração do Esquecimento no Jogo Identitário – Um Estudo de Caso – A Borracha que Escreve a História

Breve Histórico da Cidade de Manaus

Manaus, localizada no Estado do Amazonas, tem suas origens históricas em um fortim⁴ lusitano edificado na Amazônia do século XVI, fincado em uma península entre o Rio Negro e Solimões, com finalidade de impor o domínio português em terras disputadas com outras potências europeias (espanhóis, ingleses, franceses e holandeses). Após disputas entre os povos europeus, lusitanos e nativos no século XVII, ganha o lugar de importância econômica. Assim, passa de fortim a posto de Drogas do Sertão e Negros da Terra.

4 Fortim denominado de Fortim da São Jose da Barra do Rio Negro, edificado em 1669. Mediante a Provisão-Régia de 15 de dezembro de 1684. Iniciado por determinação do governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará, Capitão-general Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1685-1690).

O novo contexto desencadeia o processo de ocupação urbana no entorno do arraial, e se estrutura no decorrer da ocupação da região e no século XIX, e graceja o *status* de Vila. Em 1848 possui o nome de Cidade da Barra do Rio Negro e em 1856 o nome da cidade volta a ser Manaós. Nesse momento passa a ser a sede administrativa e política da Capitania do Rio Negro e em 1850 da Província do Amazonas, em um Brasil Imperial. No século XIX, o látex ganha destaque na balança de exportação brasileira e nesse contexto torna-se essencial para a nova etapa da revolução industrial europeia inserida num processo histórico de imperialismo e do látex se produz correntes para movimentar as máquinas, pneus para bicicletas, roupas impermeáveis, por exemplo. A cidade se insere na *Belle Époque* (DIAS, 2007), ocorrem reformas urbanísticas onde praças e *boulevares* de inspiração francesa irradiam no espaço cosmopolita manauara, ruas adquirem pavimentação moderna e ganha o palco o luxuoso Teatro Amazonas. (DIAS, 2007).

Após a euforia do látex (1870 a 1910), Manaus entra em um colapso financeiro devido ao início da extração da borracha em plantações de domínio britânico. A cidade adentra um período de esquecimento nacional e internacional que perdura até a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). No conflito mundial, as regiões produtoras de látex caem em poder dos países considerados inimigos dos britânicos e americanos, em 1942 o Brasil passa a fornecer o látex necessário para o esforço de guerra e a cidade volta a um breve renascimento (1942 a 1945).

Com o fim da guerra e o desenvolvimento da borracha sintética, a região Amazônica e a cidade de Manaus entram em um estado de torpor que perdurou até a implantação do programa de industrialização da cidade na década de 1960, processo iniciado com a instituição de uma Zona de Livre Comércio, ou seja, a Zona Franca de Manaus e nos anos vindouros a implantação de um parque industrial, o Parque Industrial de Manaus – PIM. (SOUZA, 2009)

Hoje, Manaus tornou-se uma das poucas aglomerações urbanas sediar eventos desportivos de grande monta como a Copa do Mundo de 2014 e algumas partidas futebolísticas das Olimpíadas do Rio 2016. Esta é a cidade de Manaus, entre um *habitus* amazônico e um cosmopolita.



Uma Figuração para Tarrafa de Interdependência

O breve relato histórico não reflete o discurso fundador da comunidade imaginada fruto da memória coletiva desse espaço. Ao desembarcar em Manaus, o turista encontrará duas cidades, ou seja, dois *habitus*, e suas respectivas figurações sociais, de outro modo, atrações turísticas. Um *habitus* que busca comercializar uma identidade amazônica para um contexto nacional sulista e internacional, e outro que se constrói e se reconstrói, constantemente, baseado em uma época de pungência econômica pretérita, uma Manaus da *Belle Époque*⁵, portanto, uma cidade turística para seus próprios habitantes. Ambas as cidades são comunidades imaginadas detentoras de suas respectivas memórias coletivas, discursos e jogos identitários, há uma cidade para exportação, uma cidade da Amazônia, e outra cidade destinada ao consumo interno, uma cidade industrial que se vislumbra no espelho como uma Paris dos Trópicos, moderna e cosmopolita e distante dos sertões da Amazônia⁶.

A Manaus Industrial⁷ viveu nos últimos quatro anos (2012-2016) da gestão municipal⁸ um novo ciclo da borracha⁹, no qual não há seringueiros, seringais, casas

5 Corresponde ao contexto histórico pelo, o qual, a cultura europeia, mais especificamente a francesa era utilizada como indicador do grau de civilidade detinha uma cidade, uma região ou um país. (DIAS,2007).

6 O autor defende a existência de duas figurações identitárias, uma figuração de uma cidade da Amazônia destinada ao consumo externo, e outra figuração a ser destinada ao consumo interno, uma Paris dos Trópicos. A Manaus, Paris dos Trópicos e o seu discurso identitário, sua construção e sua memorização são os objetos de estudo desse artigo.

7 Noção elaborada pelo autor com a finalidade de definir a Manaus local.

8 Gestão Municipal do Prefeito Arthut Neto 2012 a 2016.

9 A construção da identidade da cidade fabril mediante a reconstrução do passado extrativista do látex. Observação do autor.

de aviamento e estrangeiros, não há um novo Palácio da Justiça ou um novo Teatro Amazonas, mas a construção de novos espaços de memória e esquecimento.

Nesse novo eufórico e efêmero ciclo, busca-se rememorar, através de um discurso, um passado europeu civilizado e magnífico para a Manaus do presente. O novo látex nesse momento é o processo de esquecimento de uma Manaus ameríndia, colonial e imperial, que é a técnica utilizada para o seu beneficiamento. No discurso que visa resgatar a memória da Manaus da *Belle Époque* (1870 a 1910), existe uma elástica distorção do passado mediante o filtro do presente. “Visto que, com frequência, editamos ou reescrevemos inteiramente, consciente ou inconscientemente, nossas experiências passadas com base no que sabemos no presente ou em nossas opiniões” (CORRÊA, 2010, p. 452). Sendo que o “resultado pode ser uma representação distorcida de um incidente específico ou mesmo de períodos inteiros de nossa vida, quem tem mais a ver com a maneira como nos sentimos agora do que com o que aconteceu no passado” (CORRÊA, 2010, p. 452).

Ou seja, um discurso distorcido que visa revelar recordações de eventos passados através da perspectiva do presente, uma distorção do tipo *hindsight*. A história da cidade passa por uma reinvenção histórica, onde é traçada uma linha em outros contextos temporais e utiliza-se a borracha para reescrever a memória de Manaus. Os manauaras elaboraram sua identidade com base nesse discurso, é o mito fundador da sua comunidade imaginada denominada Manaus. O novo ciclo da borracha que a Manaus fabril visa rememorar é fruto de uma formação reativa perante a decadência econômica do município na década de 1990, provocada pelo fim do modelo de Zona Franca e início da implantação do seu Parque Industrial. Nasce assim, o processo de reconstrução do seu passado gomífero, os festivais de ópera, festivais de cinema, bandas de jazz e a revitalização do Centro Histórico de Manaus mediante uma higienização urbanística e social (MATOS, 2015).

Nas eleições municipais de 2012, o candidato vencedor do pleito tinha como meta principal de seu governo, e tema da sua propaganda política, a revitalização do Centro Histórico de Manaus, e não menos higienizador. No primeiro ano de gestão do candidato eleito, foram iniciados novos projetos de



revitalização do Centro Histórico de Manaus, como o Passo a Paço¹⁰ e prosseguiu com os projetos das gestões anteriores: o Projeto Monumenta¹¹ e o Projeto de Aceleração da Economia – PAC Cidades Históricas¹².

No ano de 2012, foi republicado pela editora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA um breve guia denominado de Caminhando por Manaus – 5 Roteiros históricos da cidade, de autoria de Thérèse Aubreton. Nessa obra são elencados cinco roteiros históricos que o turista pode realizar com a intenção de conhecer a história da cidade de Manaus, uma obra de divulgação gratuita nos órgãos administrativos públicos responsáveis pelo fomento da cultura e turismo. A obra possui certas características que direcionam a atenção de um pesquisador. Dentre essas características está o fato de que todos os roteiros selecionados privilegiam obras construídas em no momento áureo do látex como se observa em seu sumário.

Outro fato relevante é que, a obra, apesar de ter cunho turístico, foi impressa em português. Ou seja, um roteiro turístico destinado aos habitantes da Manaus industrial.

Ao percorrer os roteiros elencados pela obra supracitada, encontra-se a sede da Prefeitura de Manaus, no terceiro roteiro, página 57, o Paço

10 <http://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/projeto-cultural-e-gastronomico-passo-a-paco-sera-ampliado-e-levado-aos-bairros-em-2016>. Site acessado em 28/07/2016.

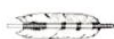
11 Programa do Ministério da Cultura (Minc), o Monumenta é executado com recursos da União, de estados e de municípios, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e cooperação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e da Unesco. Seu conceito é inovador. Enquanto restaura obras, busca conciliar esta ação com a sustentabilidade dos sítios históricos, motivando seus usos econômico, cultural e social. Fonte: www.iphan.gov.br acessado em 28/07/2016.

12 <http://portalamazonia.com/noticias-detalle/cidades/pac-cidades-historicas-de-manau-saiba-quanto-sera-investido-e-as-obras-ate-2016/?cHash=039b3ea751d4f22aa03049361b04e25b>. Site acessando em 28/07/2016.

Municipal. No texto do guia em estudo, a construção recebe o nome de Paço da Liberdade, com ênfase a sua antiga função de Prefeitura e cita o ano de 1874 como o marco do início da sua construção, os entes públicos que a ocuparam, o seu traçado arquitetônico - como neoclássico - e a intenção de o prédio abrigar futuro Museu da Cidade Manaus.

O texto referente a esse patrimônio material visa inserir essa construção na temporalidade do látex e relega ao esquecimento o fato de que na fundação dessa construção se encontra um sítio de arqueologia ameríndia, que remonta a uma Manaus da pré-conquista europeia, suplantada pelos colonizadores. Deliberadamente, cita com certa discrição, uma Manaus Imperial, visto que, o Paço Municipal faz parte de uma intenção de fortalecer a presença do Império Brasileiro na região em um momento de pós-guerra do Paraguai (1864-1870), coincide, ainda, com a recente abertura do Rio Amazonas a navegação internacional, em 1867, e uma mentalidade neocolonizadora europeia sobre as regiões do globo desprovidas de governos capazes de opor resistência à dominação estrangeira (SOUZA, 2009).

Assim, o texto, referente ao Paço Municipal, não faz referência ao choque cultural entre nativos e estrangeiros (sítio arqueológico ameríndio) e apenas cita pontualmente personalidades do Império do Brasil, mas não relaciona a construção dessa obra com o contexto histórico nacional e internacional de sua construção. Na ausência dessa relação histórica se constrói uma da Manaus da *Belle Époque* (1870-1910), ou seja, *símbolos como meios de orientar e dirigir o comportamento e o esquecimento* (ELIAS, 1994-b, p. 57). Relembrar de um fato é esquecer outro, ou seja, memória é esquecimento. “O “apagar” não tem a ver só com a possibilidade de rever, a transitoriedade, o crescimento, a inserção de verdade parciais em teorias mais articuladas e mais amplas. Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade” (ROSSI, 2010, p. 32).



Isso implica dizer que na figuração de um Estado, as ideologias que estão intrinsicamente no poder podem direcionar a memória. Isso explica o porquê da borracha escreve a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos humanos elaboram suas realidades e edificam memórias coletivas, que desencadeiam comunidades imaginadas, sendo que estas buscam a sua manutenção pela transmissão de comportamentos, ideologias e esquemas cognitivos através da partição de discursos que visam à construção de uma identidade para o indivíduo, o que não pode condenar a história da humanidade a uma ficção. As memórias coletivas e as comunidades imaginadas são construções possíveis devido ao arcabouço biológico do homem e elas existem como conceitos abstratos permeando o mundo da abstração da mente humana devido a uma mutação que deu ao *homo sapiens* pensar realidades. Todas as sociedades desenvolvem alicerce cognitivo que guiará a lógica social do grupo, ou seja, criam realidades e memórias coletivas.

Portanto, é possível identificar, ao usar a *teoria eliasiana*, o processo de construção da estrutura cognitiva original, da sua configuração primordial, do *habitus*, da sua memória coletiva e do jogo identitário que origina a comunidade imaginada de Manaus. Um *habitus* para o exterior e outro para a satisfação egóica. O tempo histórico fundador desse grupo está em um processo de rememoração distorcida, *hindsight* intencional: uma metrópole da Amazônia brasileira que busca dar sentido a sua existência mediante a reconstrução histórica de um tempo faustio oriundo de uma economia capitalista do século XIX. Ou seja, escrever a história apagando o desconforto psico-histórico produto de pensamentos conflitantes entre uma Manaus Amazônica e uma Manaus da Borracha. Assim, a borracha também escreve a história.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

AUBRETON, Thérèse. **Caminhando por Manaus: cinco roteiros históricos da cidade**. 2ª Ed. rev. Manaus: INPA, 2012.

BADDELEY, Alan; ANDERSON, Michael C.; EYSENCK, Michael W.; **Memória**. 1ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1ª ed., 3ª Reimpressão, São Paulo, Contexto, 2016.

CORRÊA, Antonio Carlos de Oliveira. **Memória, aprendizagem e esquecimento: a memória através das neurociências cognitivas**, 1ª ed. São Paulo, Atheneu, 2010.

DIAS, Edineia Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto**. 2ª ed. Manaus, Valer, 2007.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Editora: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. 1ª ed. Lisboa, Editora: Edições 70, 1980.

_____, Norbert. **O Processo Civilizador – Volume 1**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1995a.

_____, Norbert. **O Processo Civilizador – Volume 2**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

_____, Norbert. **Sociedade dos Indivíduos**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

_____, Norbert. **Teoria Simbólica**. 1ª ed. Oeiras, Celta, 1994.

_____, Norbert. **O Processo Civilizador – Volume 1**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

HARARI, Yuri. **Sapiens – Uma Breve História da Humanidade**. 1ª ed. Porto Alegre, L&PM Editores, 2015.

FOSTER, Jonathan K. **Memória**. Tradução Camila Wener. 1ª ed. Porto Alegre, L&PM Editores, 2011.



FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 2ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Ethos e Figurações na Hinterlândia Amazônica**. 1ª ed. 1ª ed. Manaus, Valer, 2015.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória e o esquecimento**. 1ª ed. São Paulo, Unesp, 2010.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. 1ª ed. Manaus, Valer, 2009.

